

Cruz de Pobre

Componentes Anti-Utópicos do Processo de Exploração dos Pobres

Dario Geraldo Schaeffer

1 — Saturação

Um dos fenômenos típicos de nossa era é o da saturação. A sociedade que tem por base o consumo necessita da saturação para poder se manter. Satura-nos com comerciais de produtos que precisam ser transformados em capital imediatamente, pois é preciso que outros apareçam que os substituam rapidamente, ou recicla-se os mesmos para tornar a vendê-los com outra imagem e por aí vai. O ser humano é obrigado a estar sempre atento ao novo, ao imprevisto, à moda, à sempre nova descoberta do fantástico cérebro humano, que se torna eletrônico e capaz de criar efeitos especiais incríveis quando o assunto se chama consumo. Mas em pouco tempo a propaganda e a própria mercadoria nos saturam. Passamos então a criar necessidades sempre maiores de algo novo, constantemente diferente. A tendência deste processo de consumo é o de aumentar a velocidade com o correr do tempo e cria um fator cultural cada vez mais evidente que é a saturação.

Se este fenômeno fosse apenas de natureza comercial ou econômica, como no exemplo acima, já seria ruim demais. Pois é através da mercadoria que o ser humano é marginalizado e explorado de uma maneira cada vez mais absurda e incontrolável.

Mas o fenômeno da saturação também se estende à realidade social e acaba abrangendo a existência global do ser humano. Vejamos: Será que você, que está lendo este artigo, ainda quer ouvir falar de gente perseguida e ameaçada de morte no interior do Pará? Quer ouvir falar de um pequeno e pobre presidente de sindicato de trabalhadores rurais de Tucuruí e de como ele e posseiros de glebas de terra estão com data marcada para morrer? Quer saber, por acaso, que as entidades de organização do movimento popular e sindical do Pará não conseguem fazer nada por eles e que a única opção que lhes resta é matar os fazendeiros da UDR antes que eles próprios sejam assassinados? A única opção é matar para não morrer.

Será que adianta contar o fato de que em Marabá sete posseiros estão presos pela falsa alegação de serem ladrões de gado? Na realidade estão presos porque o fazendeiro da região em que vivem os quer fora de terras que já são legalmente dos posseiros. Também estes posseiros estão com data marcada para morrer. Sabem que, se saírem da prisão, poderão ser fuzilados. Suas orelhas serão cortadas e vendidas a fazendeiros como troféus. A

polícia não faz nada a respeito, pois está mancomunada com os fazendeiros, cujos pistoleiros são temidos por ela.

Paro por aí, pois isto são apenas dois exemplos de inúmeros casos semelhantes, pequenos demais para se tornarem uma referência política e chamarem a atenção do mundo para sua realidade extremamente cruel e injusta. Paro porque também você já deve estar saturado de ouvir falar destes casos pelo Brasil afora.

Por quê?

Sei lá que processo leva a este tipo de reação que não permite mais que possamos nos sensibilizar e revoltar contra a desumanização e o assassinato de seres humanos pobres. Será o fato de nos sentirmos importantes diante desta realidade e em consequência se instala em nós a apatia e o conformismo que sempre rejeitamos? Ou será que a mercadoria “mercado-para-morrer” já está superada pelas notícias pseudo-novas do tipo da Rede Globo? Apenas ainda somos capazes de detectar que a problemática existe, mas os casos individuais não nos atraem mais. Não atraem mais a opinião pública.

Enquanto isto tem gente sendo assassinada e os assassinos ficam impunes. Pois a justiça, quase sempre conivente com os poderosos, os ricos e corruptos pretensos senhores de terras e do capital, já conta com a saturação para justificar morosidade, inércia, conivência e impunidade criminosa.

2 — Cruz de Pobre

Com isto já estamos no centro de nosso tema, que é a cruz do pobre. Os atingidos pelas consequências da saturação social a respeito de seus destinos são os pobres. Exatamente aqueles do estrato social escolhido por Deus para ser sua entrada na história. Pois a cruz de Jesus Cristo não tem o mesmo sentido para todos. A começar pelo fato de estar colocada no meio dos que sofrem por causa do poder. Por isto mesmo sua existência em si é opção pelos oprimidos.

Se falo do poder, refiro-me ao poder em geral. Não apenas a um determinado poder em mãos de uma determinada classe social. O poder em si tem a capacidade de corromper e de fazer com que seres humanos subjuguem seres humanos, raças subjuguem raças, sexo subjugue sexo. Basta o poder para transformar pessoas em animais, cujo único fim é matar. A cruz de Cristo é o despojamento total do poder. Não resta mais nada. Somente um corpo inerte e sem vida, sem capacidade de transmitir a outros alguma força. É a identificação total do divino com a coisa mais despoderizada que existe: um corpo morto. Não morto de morte morrida, mas assassinado, julgado sem valor social. Morto para ser esquecido. Morto para aumentar a saturação que causam os crucificados. Ossos no deserto. Igual ao presidente do sindicato praticamente assassinado no sul do Pará, esquecido e solitário por causa do cansaço em se ouvir falar destes assuntos.

Igual aos índios yanomami, igual aos garimpeiros explorados como instrumentos de exploração. Cruz é secura de ossos e esquecimento.

Porém o fato de alguém ser assassinado ainda não é a cruz total. Ela só se torna mais visível na inutilidade deste assassinato. E a inutilidade, o esquecimento, a saturação é apenas um dos componentes da cruz do pobre.

Quando José de Arimatéia desceu Jesus da cruz e o enterrou, ele o fez com a aquiescência do poder. Jesus esquecido, enterrado, totalmente apagado da memória, é este Jesus que interessa ao poder. O poder ainda ajuda, colocando soldados para que não pudesse haver nenhuma dúvida de que o corpo que incomodava ficaria bem escondido e esquecido. Como os corpos do cemitério de Perus. Não desaparecidos, mas escondidos, para serem esquecidos. Quase não mais identificáveis. Com eles deveriam desaparecer as lutas, as esperanças, a utopia. Todos os poderes são antiutópicos e lutam contra os construtores da utopia.

Um dos componentes antiutópicos da cruz do pobre é pois o fato de que seus sofrimentos, sua insegurança, sua morte não interessam mais a ninguém. A saturação, o esquecimento, a desmemorização são fenômenos sobre os quais cresce a impunidade e o poder dos que não querem eliminar apenas alguns posseiros, padres, índios, advogados lutadores, mas querem de fato eliminar a esperança, a caminhada para uma sociedade justa, a utopia.

3 — A Cruz Invertida

Mas ninguém consegue negar a realidade da cruz. Ela está aí. Mesmo que se tente fazer esquecê-la, escamoteá-la da história, ela teimosamente está aí porque ela também é ressurreição. Com sua utopia, com seus braços erguidos apontando para a frente, para a ressurreição, para a luta contra a antiutopia dos exércitos, dos presidentes e governadores agora “democráticos”, do Brasil e da América Latina. Cada índio assassinado pela ânsia por riqueza, cada posseiro cortado em pedaços, cada mulher desrespeitada e escravizada, cada criança de rua vítima de esquadrões da morte, cada negra pobre e discriminada são cruces que se levantam dentro da sociedade e clamam e acusam e querem revalidar a vida.

Para os poderosos e para os ricos isto evidentemente não pode acontecer. Não pode ser que os pobres sejam crucificados. Pois a cruz validaria seu sofrimento e sua morte. O sofrimento da cruz é um sofrimento impingido pelo poder, é sofrimento de mártir. Todos os poderosos e ricos sabem que tal sofrimento, causado por eles, tem conseqüências que não podem ser camufladas. O cemitério de indigentes em São Paulo é testemunha cabal disto mais uma vez. Os mortos assassinados ressuscitam incomodamente. Sempre de novo.

A cruz não pode ficar com os pobres, pois se for assim terá que se achar quem os crucificou. Além disso o poder não pode concordar com que a morte dos pobres possa chegar a ter algum significado. A cruz dá es-

te significado. Por isto os pobres não devem nem ter o direito de identificar seu extermínio com a morte de Cristo na cruz. Eles devem morrer apenas. E desaparecer, ser esquecidos.

Assim também a cruz passa a ser patrimônio e privilégio dos poderosos. Como acontece isto?

Quando os despoderizados e pobres se manifestam em greves ou em reações armadas como a de Porto Alegre, eles se tornam de convulsão social, de bagunça e do distúrbio da ordem. Para o poder a violência tem sua origem na marginalidade. Ele escamoteia a verdade de que é o poder a verdadeira origem da violência. Quando este processo acontece, inverte-se a realidade. Os "coitados" dos poderosos passam a ser os crucificados, e a chusma dos pobres sem poder, que querem implantar a justiça, são os crucificadores. Para os poderosos o poder é uma cruz, por causa dos pobres, por causa dos que insistem em não concordar com suas boas intenções.

E esta cruz, na visão do poder, não pode estar com esta chusma de violentos e esculhambadores, pois isto poderia legitimar sua ação. Por isto os poderosos chamam para si o privilégio de serem crucificados. Bandidos conhecidos de todos os brasileiros, neste momento, virtuais governadores eleitos de alguns estados, não têm pudor em dizer que mais uma vez vão sacrificar suas vidas a serviço do progresso de seu Estado, dizendo-se patriotas e prontos a dar a vida pelos interesses do seu Estado. Todos sabem muito bem que são mentiras. Não fazem sacrifício algum, a não ser que a honesta profissão de ladrão, de traficantes de tudo que se possa imaginar, agora o seja. Nem há a mínima intenção de desenvolver o Estado, mas apenas de desenvolver o poder que já têm.

Mas a afirmação que fazem passa a imagem do homem público sofredor e sério, que entrega sua vida a serviço da causa pública.

Do outro lado, o Partido dos Trabalhadores é testemunha de como esta inversão de valores discrimina e mata. Os trabalhadores, sempre subservidores, dóceis em sua grande maioria, são agora a razão do descrédito por que passam os governos. A CUT é a expressão do próprio diabo. A cor vermelha das bandeiras dos trabalhadores organizados e de seus símbolos é a expressão do anticristo, que vem para acabar com a paz e com a santa propriedade privada de cidadãos pacatos e trabalhadores.

Quem nas igrejas cristãs toma uma posição política de esquerda quase sempre é questionado de como pode coadunar sua fé cristã com conceitos de revolução, transformação, marxismo etc. Também as igrejas são portadoras desta inversão de valores.

Seria muito interessante se elas, e aqui penso muito na IECLB, fizessem também uma inversão neste senso comum e questionassem por exemplo a grande quantidade de candidatos luteranos ligados a partidos conservadores, sob cujas asas proliferam todos os tipos de corrupções, desmandos e assassinatos que a mente humana pode imaginar. Questionasse-os a respeito da cruz e da ressurreição. O que será que diriam os oito candida-

tos que aparecem no JOREV de 9-12 de setembro, ligados a PFL, PDS, PTB, PL a respeito da cruz dos pobres, ou se isto fosse pedir demais, o que dizem a respeito de seu testemunho cristão num país onde a fome cresceu 43,48 por cento em seis anos, e hoje o Brasil tem 33 milhões de pobres, conforme o mesmo jornal? Parece-me que aí a opinião pública majoritária dentro da IECLB se cala. Concordamos com a inversão da cruz. Os coitados são os poderosos crucificados, os pobres são os crucificadores.

4 — “Romanos Bonzinhos”

Quem viu o filme “A vida de Bryan”, de Python, deve se lembrar de um personagem contraditório: o preso de barbas brancas, que fica amarrado a correntes no alto da parede de sua prisão. Ele passa o tempo elogiando os romanos que o prenderam e escarnecendo dos que estão presos por desobediência ao poder. Pede constantemente uma cruz para si, pois para ele a cruz é uma dádiva dos poderosos e os pobres que vão ser crucificados são pessoas privilegiadas pelos romanos. A sátira evidencia a inversão e resalta a contradição do oprimido que pede para ser crucificado.

Idêntica no sentido, porém menos satírica e mais cruel, é a realidade dos pobres. Não daqueles apenas que conscientemente abraçam uma luta por justiça. Ali está claro que o significado da cruz está sendo vivido de maneira consciente. A luta de classes com risco de vida, luta de vida e morte para que possa nascer a justiça, é a luta do crucificado, mesmo que ainda aí nada possa justificar qualquer tipo de morte de trabalhadores.

Em situação pior se encontram no entanto os mais pobres que todos os economicamente pobres, ou seja, aqueles pobres que são massa de manobra dos poderosos e apóiam acriticamente os donos do poder. São os que Brecht chama de piores analfabetos: os analfabetos políticos. É o *Lumpenproletariat* de nosso tempo. Não são apenas os descamisados e descalços, estes de qualquer modo já sacrificados pela impossibilidade de serem considerados economicamente vivos. Falo especialmente do proletariado, dos trabalhadores organizados, não em organizações e grupos cuja teologia e ideologia são nitidamente antiutópicas, desumanizantes e sem esperança, e por isto mesmo dependente de favores e da grande “condescendência” dos poderosos. São aqueles que, no Pará, nesta época de eleições se sentem orgulhosos por terem recebido uma camiseta do Jader Barbalho, pois com isto “o homem está dando uma força pra gente”. São os organizados tanto em igrejas pentecostais, como em igrejas “históricas”, em clubes de futebol, em sindicatos pelegos e em organizações idênticas, onde têm, de um modo ou outro, contato com discursos ideológicos conservadores e voltados contra a sua própria classe. É o proletariado organizado para exigir e apoiar sua própria crucificação. Sua postura é a de crucificado sem nenhuma esperança. Mas como também para eles a cruz está ligada a algo maior, religioso, talvez até à esperança, eles próprios não falam que são crucificados. Usam

o termo chulo para relação sexual passiva: fodidos. A cruz lhes é negada pelos donos do poder e o drama reside no fato de que eles próprios reproduzem a ideologia de morte, o modo de vida antiutópico de quem os crucifica mas não lhes concede nem o privilégio de em sua morte prematura serem identificados com a cruz. São na realidade aquilo que querem ser: fodidos. Quer dizer, esquecidos, corpos sem valor, usados para içar bandidos ao poder, ou para reproduzir o capital dos poderosos, e depois são descartados nas valas comuns do desemprego, da marginalidade, da sarjeta.

Creio que este componente antiutópico da cruz dos pobres é o pior de todos. Além do sofrimento é dada a eles, por momentos, a ilusão de serem gente. Esta massa amorfa, sofredora, incapaz de confiar em si e de reagir ao seu destino é o sustentáculo do poder em nosso país. Sem os pobres e analfabetos deste jaez, Collor não seria presidente e nem bandidos que estão vencendo as eleições deste ano iriam vencê-las. Esta é pois a dramática realidade da cruz dos pobres que perfaz a parte de trás da cruz de Cristo. É o componente da contradição e da autodestruição, da paixão pelo algoz, da destruição da justiça e da utopia. É o vazio imenso do *post mortem* que se concretiza antecipadamente nesta vida. Diz Franz Hinkelammert (*As armas ideológicas da morte*, p. 266):

A antecipação do mundo *post mortem* leva à legitimidade da destruição do corpo. Mais ainda, faz da destruição do corpo um imperativo categórico.

É a legitimação da antiutopia por parte daqueles que deveriam manter-se na esperança utópica do novo.

Apenas uma observação quanto ao dito: Não trato aqui das causas e da razão desta situação. O espaço aqui é curto para isto e os leitores já as conhecem até à saturação. Não entro igualmente no mérito da culpabilidade por esta situação. Esta também já está clara para os leitores. Mas é preciso pelo menos voltar a afirmar que a razão e a culpa por esta situação não está com os pobres. Eles são vítimas de interesses que não conseguem entender e julgar.

Aqui apenas constato o local do sofrimento e da cruz. O local onde o jogo termina, onde a cruz não é mais esperança, onde o corpo não ressuscita. É o *hades* visitado por Cristo.

5 — Corpo de Pobre

A cruz de Jesus Cristo é ao mesmo tempo a tentativa de aniquilamento e a validação do corpo e de sua sensualidade.

O corpo somente é corpo por causa de sua sensualidade. Comer, beber, respirar, descansar, relacionar-se afetivamente, amar, sonhar, lutar, sentir o processo social e participar dele e muitos outros componentes perfazem a fundamental e vital sensualidade do corpo e o faz um ser político. Sem ela só existe a morte e a deterioração. Um corpo sem sensualidade se desfaz no nada.

Com a cruz Jesus Cristo transformou esta sensualidade total de seu

corpo em comida, em pão e vinho e o distribuiu a todos. Todos os seres humanos têm o direito, desde então, de viver plenamente em liberdade, livres da pena de morte e de castigo, sua sensualidade em totalidade. A liturgia eclesiástica procura sempre de novo, na Santa Ceia, na Eucaristia, inverter este processo e transformar, via sacralização religiosa e, via monopolização do sagrado e com isto do poder, pão e vinho em corpo e sangue de Cristo, um pouco de pão e de vinho, tornando este ato simbólico ou místico e arrancando-o do diário sofrer e lutar pelo pão e pelo vinho.

Jesus se transformou em tudo o que somos, em toda a nossa vida. Instalou sua corporalidade, sua sensualidade bem dentro de nossa história humana, ou de nossas muitas histórias de homens e mulheres.

Quando o maior acontecimento de todos os tempos é sacralizado, quando a cruz é transformada em religião, quando a ceia de cada dia deixa de ser santa — e com isto um direito de todos — para se tornar um rito religioso, o poder do numinoso, sacral e religioso, intermediado pelo clero, açambarca o direito de controle sobre a vida. Aí acaba a utopia e com ela o pão e o vinho são concentrados nas mãos de poucos e viram mercadoria cara demais.

Coloca-se, em seu lugar, a lei.

O apóstolo Paulo não é mais ouvido como aquele que se volta contra a lei, que em vez de libertar aprisiona o corpo e o prende à carne, isto é, ao conjunto de fatores e preceitos ditados por uma sociedade de dominadores e de dominados. Para Paulo o símbolo para este tipo de prisão à carne é a circuncisão. Para a lei, e para os que defendem a lei, é preciso cortar um pedaço do corpo para se poder ser gente. Paulo se volta contra isso e descobre novamente a sensualidade do corpo a partir da liberdade de ser corpo em sua totalidade, na ressurreição do corpo.

Também para os evangelhos este fato é importante: Jesus Cristo, o corpo, foi crucificado. Ressuscitou o corpo, mas agora como primeiro entre os corpos livres, numa totalidade de liberdade incompreensível para os que vivem sob os ditames de leis sociais que cerceiam a realização plena dos seres humanos, de seus corpos.

Aos pobres esta sensualidade é negada, começando pelo fato de não haver **pão e vinho**, comida e bebida suficiente. Um dos fatores sensoriais do corpo, o mais importante, a alimentação, não pode ser satisfeito. Com a fome vem a dependência dos favores dos poderosos. O faminto e o dependente não lutam mais por valores como liberdade e plenitude de sensualidade. Lutam apenas pela sobrevivência imediata. Com fome não se pode amar de fato, apenas odiar, individualizar-se, ter uma relação não tranqüila e injusta com a própria corporalidade, com a sensualidade. Um dos componentes que se instala na vida é a violência que caracteriza as relações corporais e que tem sua raiz no fato de que alguns poucos têm demais enquanto que a grande maioria não tem nada. Esta é a violência em si. A quebra da sensualidade por causa desta violência primária leva a reações descontroladas em relação a outras. Erroneamente estas reações são analisadas como sendo a raiz das violências sociais.

Todo ser humano, todo corpo tende a satisfazer sua corporalidade de maneira completa. Se não consegue, torna-se consumidor de migalhas, acultura valores que lhe são impingidos, torna-se objeto e assume a violência como um componente natural da relação social. Não há mais prazer nisto, apenas satisfação de necessidades *in extremis*.

A liberdade, fator fundamental da sensualidade do corpo, começa a se estabelecer quando alguém pode decidir o que é bom e certo para ele e o que não é. Quando pode participar livremente de um processo social em que seu corpo pode ser total em sua sensualidade. Esta é parte essencial da utopia que preenche nossa esperança.

Mas onde isto é possível hoje?

O povo pobre, especialmente, está tão completamente tomado pela inculturação de preconceitos e opressões físicas e intelectuais que não consegue mais se livrar de tudo que é carregado sobre ele. Transforma-se assim em presa fácil para as forças que querem se apoderar e utilizar dele.

Este é outro componente da cruz dos pobres.

Infelizmente setores avançados das igrejas, bem como intelectuais que lutam por uma nova sociedade, militantes cuja vida é testemunho sofrido, sobretudo na luta pelo socialismo, em bom número, assumem exatamente nesta questão uma posição comprometedoramente conservadora, antiutópica, de anti-vida. Deste modo cerceiam um fator fundamental para que sua luta assuma um caráter de modernidade revolucionária. O discurso político é avançado, mas as relações interpessoais, sensuais, são conservadoras e repressoras. Creio até que se possa detectar nesta atitude uma das razões para que a luta por ocupação de espaços na sociedade brasileira tem sido frustrada em grande parte.

A revolução não pode excluir o corpo, a sensualidade, o respeito pelos sentimentos, nem a modernidade pode acontecer libertária e revolucionária — sem que o corpo experimente a liberdade para que haja condições de integração no processo político, sem amarras de ordem moral. O corpo é o grande laboratório do político, pois não existem corpo nem corporalidade e sensualidade total a não ser na comunidade, na sociedade que consegue respeitar a liberdade do corpo. Não é o individualismo que define a sensualidade, a corporalidade, mas a comunhão social. É no relacionamento completo total e livre — e por isto também capaz de lutar por este relacionamento e por este respeito — que o corpo se realiza. A individualidade, a cidadania nasce na inserção na luta política e na dialética da história, e somente ali ela poderá ser respeitada.

É preciso que as estruturas que destroem a sensualidade, que organizam leis que oprimem, como a obediência às autoridades, a ordem, a submissão da mulher, a fidelidade conjugal, enfim as estruturas de poder, sejam revolucionadas. É preciso que o controle social, exercido por estes e outros instrumentos, seja anarquizado. Quando Cristo mostrou seus ferimentos a Tomé, a realidade da vida se inverteu abruptamente. O corpo

morto e condenado ao desaparecimento pela antiutopia da lei dos poderosos estava reconstruído em sua totalidade. Sem deixar de carregar as cicatrizes que testemunham a tentativa de fazê-lo desaparecer, ele era outro, livre de tudo que possa destruir a corporalidade, a sensualidade. A lei que impede a esperança e a utopia, que só espera a morte, estava definitivamente superada.

Os preconceitos contra homossexuais, travestis, prostitutas, mães solteiras são usurpações da liberdade de expressão da corporalidade. Pois esta expressão é uma afronta ao poder constituído e controlador, especialmente àquele setor do poder que se auto-institui como defensor da moralidade pública, como as instituições religiosas. Mas como este setor é apenas subalterno ao verdadeiro poder, que está nas mãos dos donos do capital, na realidade são estes que criam a moralidade social com a qual são medidas as atitudes e as expressões de corporalidade. Opções de vida que fogem ao controle do poder são consideradas excrescências que devem ser combatidas, exterminadas ou no mínimo cerceadas em suas manifestações.

Surtem opções de vida bizarras para os cidadãos: é proibido o consumo de drogas como a cocaína e a maconha, mas pode-se consumir livremente venenos agrícolas altamente cancerígenos e deformadores dos gens; prega-se a união e a irmandade de todos, mas o ecumenismo é combatido por fugir do controle das igrejas — especialmente da católica — e com isto do alcance ideológico dos poderosos; o ladrão que assalta para sobreviver é torturado numa prisão superlotada ou morto sem julgamento, mas o candidato a governador, corrupto, que desviou bilhões de cruzeiros de verbas públicas para seu próprio bolso, dinheiro do povo, pode tranqüilamente ganhar eleições e governar um Estado ou até a nação; a prostituta é condenada por imoralidade, mas a mulher do governador do Pará pode ter cinco ou mais empregos estatais, ganhar mais de três milhões de cruzeiros em salários — mais uma vez dinheiro do povo — e é tratada por dama — a primeira dama, até! Um exemplo contundente é o de um homossexual americano, expulso do exército por causa de sua opção sexual, que disse: “No Vietnã fui condecorado por ter morto dois homens, hoje sou expulso por amar um.”

E por aí afora poderia continuar interminavelmente a listar contradições com as quais somos obrigados a conviver.

O poder defende esta situação como ordem e decide a partir desta esquizofrenia sobre milhões de pessoas. A sensualidade dos corpos, a cidadania é agredida constantemente, sem que os despossuídos da sociedade possam reagir. A utopia, a esperança por vida plena é substituída pela antiutopia, pela extinção da plena sensualidade pela construção de leis que impedem a vida.

Diante disso duas opções: deixar-se crucificar, sem que esta crucificação seja reconhecida como tal, ou revoltar-se contra esta realidade a partir do que faz a cruz de Cristo e a dos pobres ter validade salvífica: a ressurreição.

6 — E a Ressurreição?

Identificamos até aí a cruz diretamente com algumas maneiras de extermínio das classes trabalhadoras e pobres: 1 — a saturação da opinião pública com notícias sobre ameaças de morte e execuções, tirando-lhes, o impacto. 2 — A inversão do sentido da cruz, quando os ricos se dizem crucificados pelos pobres. 3 — A aceitação do sacrifício por parte dos pobres. 4 — O desrespeito à corporalidade dos pobres.

Poderíamos parar por aí, se a cruz de Jesus Cristo não fosse a cruz da salvação por causa da ressurreição. Mas o que significa ressurreição nestes vários contextos, cuja complexidade não pode ser entendida apenas a partir das descrições neste artigo?

É uma pergunta de difícil resposta.

Creio que devemos começar pela afirmação de que a ressurreição para a qual a cruz se faz transparente, é a afirmação da vida plena e completa, onde o ser humano tem condições totais de realização de sua existência.

O Apocalipse testemunha e revigora a utopia de Isaías quando fala da nova realidade que espera. São testemunhas de luta contra a anti-vida, contra a antiutopia criada pelo poder. Portanto tudo o que promove a vida e luta para que ela se estabeleça, é atividade que provém da aceitação da ressurreição.

Em muitos casos, ou até quase sempre, isto não é dito especificamente. A crítica à religião de Marx e mais ainda do marxismo é necessária para nos mostrar que ressurreição não pode ser usurpada para enviar a esperança de vida ao limbo etéreo de uma salvação religiosa *post mortem*. Sua ação, no entanto, sua utopia é a mesma que está contida na ressurreição de Cristo. A ressurreição coloca, juntamente com a cruz, Deus em meio à nossa história humana. Para justificar, validar e dar força à luta por justiça e vida onde quer que ela aconteça. E para desmistificar toda e qualquer tentativa de inversão do significado de cruz e ressurreição por parte do poder. Deus é ação e processo dialético, isto é, a partir de sua posição ao lado dos pobres ele traz uma nova realidade, uma nova concepção de mundo. Está pois presente na luta da vida contra a anti-vida, da proposta de seu Reino contra a antiutopia do poder deste mundo, da pobreza contra a riqueza, de classe contra classe. Deus neste processo nunca é uma referência estática e pronta, mas é total. Transcende constantemente a história da humanidade e transcende a si próprio, pois identifica-se com a caminhada sofrida e sempre nova do povo oprimido. É o Deus que não se deixa captar em sua totalidade pela factibilidade humana, mas é nela que ele se evidencia, se torna ser humano, direitos humanos, comida, respeito, mulher, índio, negro, trabalhador oprimido.

E esta presença do Deus ressurreto vemos em todos os sentidos para os quais olhamos. Nos meninos e meninas de rua, que já têm organizações próprias e um estatuto a nível nacional de defesa de seus direitos. A opção

de arranjar comida de qualquer maneira, para milhões de jovens e de crianças, já não é mais a opção única. Já há esperança novamente. Nos sem-terra, que já não podem mais ser expulsos e reprimidos apenas com a violência policial. Já se tornaram uma referência política que testemunha com mais clareza a resistência no campo e a luta pela reforma agrária. Penso nas organizações de mulheres que vão surgindo em cada vez maior número e que procuram resolver de maneira ampla a questão da corporalidade e sua relação política. Penso na luta pela preservação da natureza, que se avoluma e torna cada vez mais madura.

As organizações de massa a nível nacional como o Partido dos Trabalhadores e a CUT são evidências claras, apesar das enormes dificuldades que a luta pela utopia do reino, que nasce da cruz e da ressurreição, toma caminhos institucionais.

É claro que estes processos todos, somados aos muitos que não citei aqui, não são ainda a ressurreição como ela será um dia na sua totalidade. Mas é o que nós, que ainda temos que viver mais sob a sombra da cruz do que da ressurreição, já podemos detectar.

“Mas quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face” (Paulo — 1 Co 13.10,12).

Indicações Bibliográficas

ALVES, R. *O enigma da religião*. Petrópolis, Vozes, 1975.

BRAKEMEIER, G. A morte e o morrer na Bíblia. In: *Proclamar Libertação — Oficinas 2*. São Leopoldo, Sinodal, 1988, p. 46-57 (especialmente p. 49, ponto C).

FREIRE, Roberto: *Ame e dê vexame*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan S. A., 1990.

HINKELAMMERT, Franz: *As armas ideológicas da morte*. São Paulo, Paulinas, 1983.

LOEWY, Michael.: *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Muenchhausen — “Marxismo e Positivismo na sociologia do conhecimento”*. 4. ed. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1990.

SCHOENBORN, Ulrich (edit.): *Nachfoege Jesu — Wege der Befreiung*. Mettingen, Institut für Brasilienkunde — Verlag, 1989 (Contribuições de M. Dreher, p. 38 ss., e Walter Altmann, p. 55-120).

WEBER, Max: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Biblioteca Pioneiro de Ciências Sociais. 3. ed. São Paulo, 1983.

Dario Geraldo Schaeffer
Prof. da Universidade Popular (UNIPOP)
Av. Senador Lemos, 557
66030 — Belém — PA